



VOAR MAIS ALTO



VENEZA

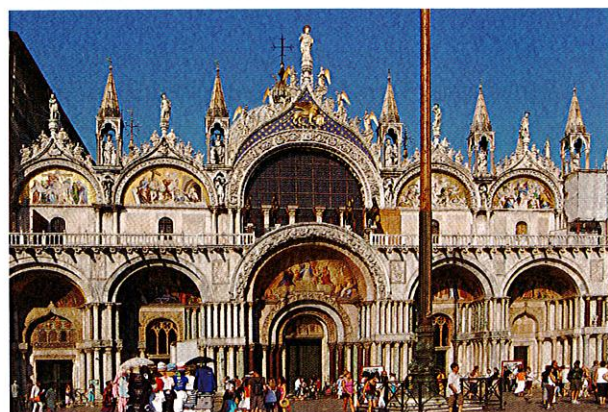
Filha da Lama, Senhora dos Mares, Porta do Oriente:

A imagem literária da Sereníssima República de S. Marcos

Corria o ano de 452. Aqueles eram tempos de instabilidade a todos os níveis, política, social, económica... Depois dos Germanos, a Itália era objeto de cobiça de Visigodos e Vândalos, que entraram e saquearam tudo por onde passavam. Odoacro, rei dos Hérulos, acaba por depor, em 476, o último imperador romano, Rómulo Augústulo, e põe fim ao Império Romano do Ocidente. Uma ameaça aparentemente ainda mais temível aproximava-se e fazia-se anunciar: os Hunos, ferozes e imbatíveis, provenientes lá dos confins da Ásia Central, põem-se em movimento em direção ao Ocidente e todos os povos que se encontravam no seu caminho fogem e atravessam igualmente as fronteiras do império decadente. Gera-se assim uma das maiores correntes migratórias em dominó de toda a Humanidade. Quando chegam finalmente aos territórios da Itália do Norte, o imperador Valentiniano III foge de Ravena para Roma. O exército de Átila submete a pilhagem numerosas cidades da região, muito particularmente Aquileia, que fica arrasada. Só o Papa e o cônsul Avieno lhe saem ao caminho e convencem-no a retirar-se para as planícies da Panónia. Tal ameaça fora o suficiente para que as populações das camadas mais humildes da *terra ferma* fugissem para as ilhas de lama da laguna e ali iniciassem uma nova vida.

Para assegurarem a sua sobrevivência dedicam-se à pesca, à caça de patos bravos que nidificam nos caniçais, à produção de sal. Secam o peixe, vendem os excedentes, e tornam-se mercadores. Exímios caçadores, pescadores, navegadores e comerciantes, dominam primeiro o Adriático e depois o Mediterrâneo, instituindo uma verdadeira talassocracia, um império marítimo. Pragmáticos por natureza, assim enfrentavam os obstáculos e contornavam as dificuldades que a vida ali lhes proporcionava. Mas Aquileia fora um centro religioso, de espiritualidade e de cultura. Agora as classes entretanto enriquecidas propõem-se seguir-lhe o exemplo. Não tinham, porém, santos nativos. Logo os mercadores em contactos comerciais frequentes com Alexandria se propõem roubar as relíquias do Santo Evangelista S. Marcos.

Cometido o feito, constroem e dedicam-lhe uma catedral majestosa, segundo o gosto orientalizante, que denuncia as estreitas relações com Constantinopla, sendo a nova cidade um dos centros de irradiação da cultura bizantina, uma porta do Oriente, e durante alguns séculos administrada por governadores do Império Romano do Oriente, que, depois, cederam o lugar ao *dux Venetiarum*, os doges que haviam de alcançar a autonomia política total.



Catedral e Praça de S. Marcos, Veneza
Fotografia de Albino Urbano

No século XIII, Marco Polo torna-se o exemplo do mercador veneziano de sucesso. Aventureiro por índole, viaja pela Ásia até ao império chinês de Kubai-Khan, desenvolvendo em paralelo as funções de embaixador da Sereníssima República de S. Marcos. Com os proveitos do comércio de produtos exóticos, requintados e opulentos do Oriente, a cidade engrandece-se. Os palácios erigem-se nas margens dos canais, muito em particular do Canal Grande, a vasta avenida aquática de Veneza. O Dogado reflete o esplendor da oligarquia laboriosa que dirige os destinos da cidade e da República. Com o Renascimento, Veneza torna-se um destino fixo das rotas das embaixadas e, sobremaneira, de toda a aristocracia europeia. Ali acorrem também para desfrutar a companhia das cortesãs, belas, cultas e insinuas. Cidade rica, fica famosa pelos costumes livres, mesmo em tempos de forte controle inquisitorial. Pietro Aretino, entre outros que lhe seguem o exemplo, elege-a para residência e aí leva uma vida despreocupada e cunhada pelo hedonismo. Mas não foram só esses aspetos a torná-la célebre no mundo culto de Quinhentos. Aldo Manucio, aproveitando-se da novidade que a imprensa representa na época, estabelece nela o maior centro tipográfico, de cujos prelos sai a expressão máxima impressa do Humanismo e Renascimento italianos. À

sua volta organiza a Academia Aldina, protótipo de quantas se lhe seguem. Na pintura, Bellini, Giorgione, Ticiano e Tintoretto registam na tela o esplendor da Sereníssima República e os aspetos sociais mais notáveis, recorrendo à exaltação da cor. Na arquitetura, os palácios patenteiam os traços mais apurados do gótico veneziano, requintado e primoroso, do Renascimento austero e luminoso e do Barroco sempre deslumbrante. Na literatura, a *commedia dell'arte* torna-se a manifestação superior da cultura dramática veneziana, que é exportada para todas as cidades e grandes cortes europeias através das primeiras companhias de atores ambulantes, popularizando as suas numerosas máscaras, muito embora a do par amoroso do Arlequim e da Colombina cedo ganhem o afeto dos espetadores. O Carnaval, que passa a estender-se durante a primeira metade do ano, se oculta o processo de decadência económica e política da República, assegura-lhe a passagem e a estadia da jovem aristocracia europeia que acorre à Itália durante o *grand tour*, para se divertir, para aí ter a iniciação amorosa, mas também para culminar o processo de aprendizagem e tomar conhecimento *in loco* com o que antes havia aprendido nas páginas dos manuais escolares.

No século XVIII, o fim deste mundo começa a vislumbrar-se e a revelar-se improtelável. Mesmo assim, o requinte do ambiente cultural persiste. Goldoni leva a cabo a reforma da comédia; o melodrama, graças aos contributos de Apóstolo Zeno e Metastasio, não obstante o brilho da ostentação dramática, depois da construção do Teatro de San Cassiano, torna-se uma forma cultural de manifestação popular. Na música, depois de Giovanni da Palestrina e Monteverdi, Vivaldi, Corelli e Torelli, já para não referir outros nomes que se tornam de referência universal através das suas composições, como as missas, as cantatas, os diferentes tipos de árias, as *suites*, os concertos, as sonatas,... irradiam de Veneza toda a cultura musical em que se cristaliza o Barroco europeu. Depois, na pintura, a escola dos *vedutisti* venezianos - Canaletto, Guardi, Tiepolo - ou a representação dos interiores de Pietro Longhi lançam-lhe as tonalidades da melancolia que o Romantismo, depois, há-de rentabilizar. Mas Napoleão dita-lhe o fim da República. Os símbolos máximos do poder autónomo são destruídos. O Bucentauro e o Livro de Ouro da Sereníssima República são queimados. Os rituais, como o casamento de Veneza com o mar, desaparecem. Torna-se então o destino das viagens de núpcias dos pares enamorados, o universo de Vénus condenado a perdurar depois do das aventuras de aventureiros

nativos, na trilha de Casanova. Contudo, do esplendor do passado, aquele mundo parece apenas sobreviver envolto na nostalgia da glória de tempos idos. O *Risorgimento* vem abalar os fundamentos políticos que subsistem e, quando Veneza desperta, é apenas a capital de uma região do Reino de Itália, depois de ainda ter despertado durante o sonho revolucionário de Giuseppe Manin, entre 1848 e 1851. Mas o certo é que os intelectuais agora olham-na com admiração. Veneza afinal é a imagem da perfeição que se afunda majestosa no leito da laguna, o último bastião de Vénus e Baco, dos deuses pagãos, o espaço da estesia por excelência que proporciona a embriaguez dos sentidos com o esplendor da arte, da música, da natureza caprichosa que a fizera nascer da lama e depois a elevara ao clímax da criação. A ela afluem Goethe, Winckelmann, Musset, Wagner, Nietzsche, Thomas Mann, Hugo von Hofmannsthal, Camillo Boito, Gabriele D'Annunzio, bem como todos os artistas e poetas que se prezam e nela buscam a sua fonte de inspiração. Ainda hoje a Bienal de Arte de Veneza ou o Festival de Cinema mantêm renome mundial.

Também os portugueses não se furtaram ao seu fascínio e continuam ainda nos dias que correm, dissimulados nas vagas do turismo de massas, a fazer dela um espaço de peregrinação artística. Por isso mesmo, apenas a título de exemplo, recordemos o soneto de Alberto de Oliveira a ela dedicado n'os *Poemas de Itália e outros poemas* (1939):

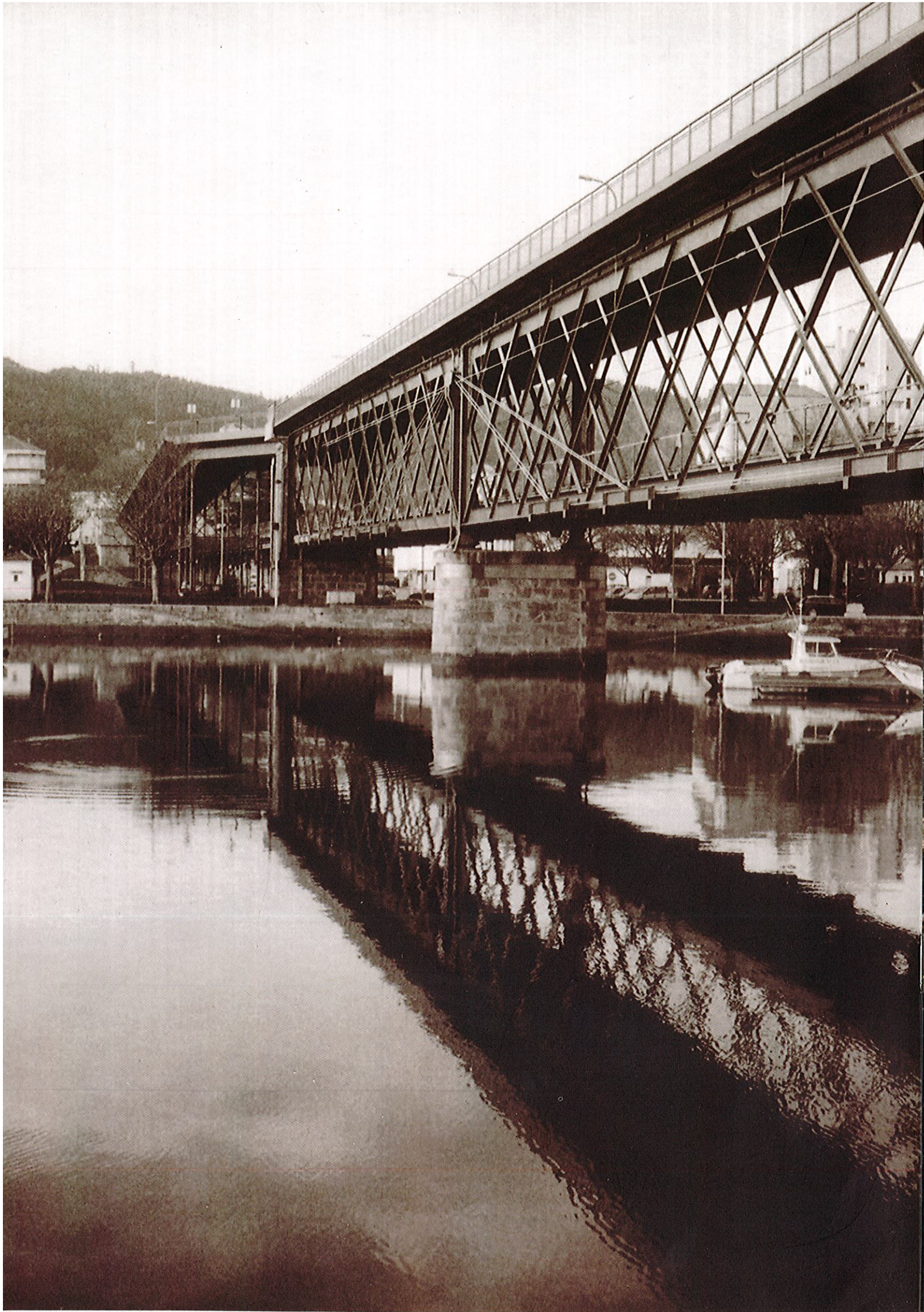
Ó Cidade irreal! Ilha entre as ilhas,
Já que tudo te isola e te separa
Da Terra firme e da Rotina ignara,
E única foste, sem irmãs nem filhas!

Quem soubera cantar tais maravilhas:
Catedral de oiro, que é a tua tiara,
Palácios a espelhar-se na água clara,
Rósea luz que te veste e em que rebrilhas...

Silêncio dos canais que apenas turva,
Seu remo a erguer na gôndola recurva,
Ou a avisar que passa o gondoleiro...

Ó Vénus Adriática! Ó VENEZA!
Não é esse o teu nome verdadeiro,
Mas BELEZA, BELEZA e só BELEZA!

Manuel Ferro
Professor da Universidade de Coimbra
Este texto segue o novo acordo ortográfico

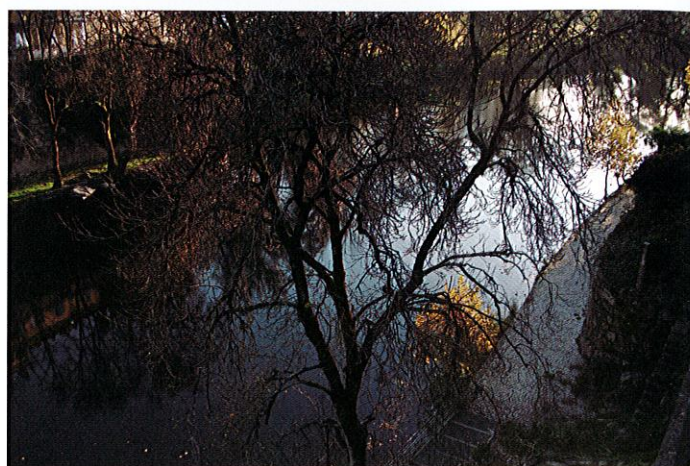


VOAR MAIS ALTO





Museu Municipal Amadeo Souza Cardoso, Amarante



Rio Tâmega, Amarante
Fotografia de António Torres



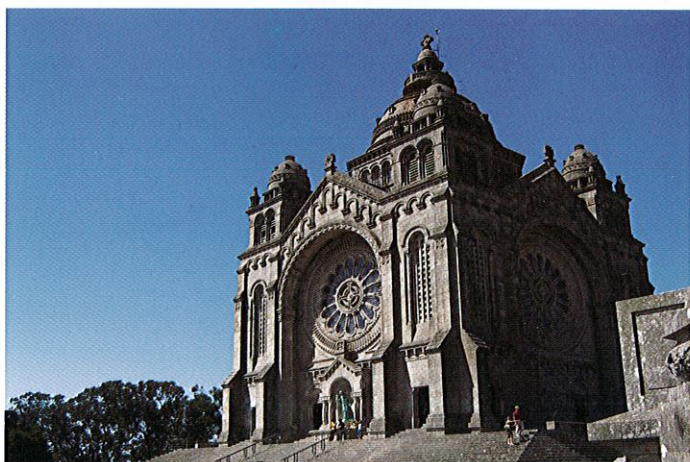
Sé Catedral de Braga



Chafariz e Igreja da Misericórdia, Viana do Castelo



Quinta da Tapada, casa onde viveu Sá de Miranda, Amares



Basílica de Santa Luzia, Viana do Castelo



Escola Secundária Sá de Miranda, Braga



Navio Gil Eannes, Viana do Castelo

EDITORIAL

Já passaram dez anos sobre a abertura da nossa Universidade.

A primeira revista foi publicada em Maio de 2009. Esta é a sexta!

Enfrentando muitas vicissitudes no rumo que inicialmente traçámos, sempre nos temos empenhado na persecução dos mesmos objectivos: aquisição e partilha de saberes, experiências e afectos, lançando pontes entre o passado, o presente e o futuro.

Dez anos é já uma parte considerável na vida de uma pessoa. Estamos com mais idade, mas não estamos velhos, e continuamos ainda com a energia suficiente para levar a bom porto este esforço, pesando embora as enormes dificuldades da actual conjuntura social e económica.

Agradecemos a todos os alunos, colaboradores e professores, que nos têm ajudado ao longo desta caminhada, pois, sem eles, não teríamos conseguido chegar até aqui.

Queremos também deixar uma palavra de apreço a todos os que têm dado o seu melhor para que a revista continue a manter o nível que alcançou, muito especialmente à sua coordenadora.

Para continuarmos o percurso que vimos trilhando, precisamos que mais alunos se inscrevam e frequentem a Universidade, pois acreditamos que, juntos, levaremos bem longe o nosso lema: Voar Mais Alto.

A Direcção

Pontes

A ponte é o ponto de passagem, de tantas passagens, de encontros e desencontros, de fugas e de regressos, de passeio, de evasão. De partidas, de chegadas.

Ela representa a união entre duas margens. As margens do rio, ou as margens da vida? Tanto faz...

Tal como acontece com as margens físicas, o mesmo se passa com as margens figuradas: a ponte aproxima, facilita o que era difícil, reúne o que estava desunido.

A ponte é acção, é querer, é tentar o impossível. É levar ao outro o que lhe falta. É buscar o que se deseja.

A ponte é entendimento, é esforço, é amor partilhado, sem entraves nem distâncias.

A ponte é símbolo de vida sentida, activa e fecunda!

Elisette Claro Lopes